

IGNÁCIO RANGEL

Em março deste ano faleceu Ignácio Rangel, um dos três patronos da *Revista de Economia Política*. Quando os fundadores desta revista o escolheram para patrono, estavam homenageando um dos mestres do pensamento econômico brasileiro: um economista autodidata que logrou realizar contribuições definitivas para a compreensão do desenvolvimento e da inflação brasileiros. Ignácio Rangel era um economista estruturalista e keynesiano que sempre pensou os problemas econômicos com originalidade e imaginação. Seu livro mais importante, *A Inflação Brasileira*, é um clássico da literatura econômica. Nesse livro Rangel descobriu que a oferta de moeda é antes endógena que exógena, de forma que o Banco Central está longe de ter o poder que se lhe atribui de controlar perfeitamente a oferta de moeda. Outros economistas, como Wicksele e Joan Robinson, já haviam intuído esse fato, mas Rangel foi o primeiro a expor cabalmente as razões para o fato. Hoje, essa idéia já foi adotada pelos economistas keynesianos, e cada vez mais a teoria econômica dominante é obrigada a reconhecer que a economia tem uma dinâmica que lhe é própria, não se submetendo facilmente às diretivas das autoridades econômicas.

Com a Revolução de 1964 Rangel foi compulsoriamente aposentado do BNDES. Por algum tempo permaneceu no ostracismo. Até que, em 1972, veio a São Paulo participar da reunião da SBPC e trouxe um artigo baseado na teoria dos ciclos de Kondratieff. Nesse artigo previa que em breve a economia mundial entraria em uma grande crise, embora naquele momento no Brasil vivêssemos em ritmo de milagre e no resto do mundo as taxas de crescimento continuassem muito favoráveis. Um ano depois suas previsões se confirmavam. Nos últimos vinte anos, desde 1973, as taxas de crescimento no primeiro mundo foram a metade do que foram nos vinte anos anteriores.

Rangel sempre pensou na economia como sendo um processo histórico, cíclico e dialético. A idéia de que a economia tem uma dinâmica própria, determinada pelo mercado e pela tecnologia, não podendo ser alterada ao bel-prazer dos formuladores de política econômica, foi sempre um dos traços marcantes do seu pensamento. A inflação, para ele, não era a mera consequência de descontrolado do gasto público, mas uma forma pela qual a economia se defende da tendência cíclica à capacidade ociosa. Além disso, era o resultado do poder monopolista das grandes empresas vendedoras e compradoras, que aumentavam suas margens e em seguida as mantinham rígidas, mesmo em caso de recessão.

Rangel foi formado na escola estruturalista da Cepal, onde dominava o pensamento de Raul Prebisch, Celso Furtado, Anibal Pinto e Oswaldo Sunkel. Graduado em Direito pela Universidade do Maranhão, onde nasceu, seu único estudo formal de economia foi um curso, em meados dos anos 50, na Comissão Econômica para a América Latina. Isso não impediu, entretanto, que Rangel, da mesma forma que criticava as interpretações ortodoxas (monetaristas e keynesianas) da inflação, criticasse também as teorias estruturalistas, que julgava insuficientes.

Ignácio Rangel foi sempre um homem de esquerda. Na sua juventude foi comunista e marxista. Isso lhe custou a prisão em 1937. Já no Rio de Janeiro, nos anos 40 e 50, tornou-se um keynesiano e um cepalino desenvolvimentista, preocupado com o grande projeto nacional de industrializar o Brasil. Para isso participou da fundação do ISEB, uma instituição que repensou o Brasil de forma radical nos anos 50 e definiu seu grande projeto de desenvolvimento. No Instituto Superior de Estudos Brasileiros Ignácio Rangel foi o grande economista, enquanto Hélio Jaguaribe era o grande cientista político e Guerreiro Ramos, o grande sociólogo.

Rangel possuía uma concepção original da história brasileira: a teoria da “dualidade básica” da economia e da sociedade no Brasil. Uma dualidade que, através de um processo cíclico de longa duração, levava o sócio menor de uma determinada fase histórica a se tornar o sócio maior na fase seguinte. A partir dos anos 30, a oligarquia substituidora de

importações tornara-se o sócio maior, enquanto a burguesia industrial assumia o papel de sócio menor. Depois da Segunda Guerra Mundial, os industriais assumiram o papel de sócios maiores. Rangel, entretanto, não soube explicar por que, em 1964, aceitaram tão facilmente a tutela da burocracia civil e militar. Também não soube dizer porque, após o colapso do regime militar, a burguesia industrial não se tornou, ao contrário do que se esperava, a verdadeira classe dirigente do país.

Rangel aprendeu com Marx, com Keynes, com Schumpeter. Entretanto, como acontece com todo grande intelectual, ele era antes de mais nada um homem livre, capaz de pensar por conta própria. Por isso abandonou muito cedo o comunismo. Por isso nunca pôde ser enquadrado como um típico economista estruturalista, ou um típico economista keynesiano.

Rangel, além do economista teórico que publicou muitos livros, foi um homem de ação. Foi um dos principais assessores de Getúlio Vargas, especialmente em seu segundo governo, entre 1950 e 1954. Depois, foi economista do BNDES. Juntamente com seu grande amigo, há muito falecido, Jesus Soares Pereira, teve um papel importante na criação das grandes empresas estatais brasileiras, particularmente a Petrobrás e a Eletrobrás, que teriam um papel tão decisivo no desenvolvimento do Brasil.

Seu compromisso fundamental era com o desenvolvimento do Brasil. Para alcançá-lo, não se deixava levar por ideologismos de direita ou de esquerda. Para um país se desenvolver, o fundamental era investir. E investimentos só podiam ser realizados se financiados. Logo, pragmaticamente, buscava saber como seria possível financiar o desenvolvimento. Em um certo momento, esse financiamento pôde ser feito a partir dos fundos de poupança forçada do Estado. Estimulou essa forma de financiamento. Com a crise do início dos anos 60, essa fonte começou a se esaurir. Propôs, então, a Octávio Gouvêa de Bulhões, na época ministro da Fazenda, a correção monetária como uma estratégia alternativa. Em meados dos anos 70, porém, a correção monetária começava a apresentar efeitos distorsivos, ao mesmo tempo em que a capacidade de poupança forçada do Estado revelava-se definitivamente esgotada. Rangel volta a surpreender a todos ao ser o primeiro a propor a privatização das empresas estatais, que ele ajudara a criar. Em 1978, no posfácio da terceira edição de seu livro sobre a inflação, que eu o convenci a escrever, Rangel diagnosticava a crise do Estado e propunha que, através de uma nova lei de concessão de serviços públicos, o setor privado se responsabilizasse de forma crescente pelos investimentos públicos de infra-estrutura.

Rangel era um homem preocupado com a distribuição de renda. Mas o respeito às tendências endógenas da economia era nele dominante. Por isso, quando nos anos 50 e 60 a reforma agrária foi transformada pela esquerda em uma condição *sine qua non* do desenvolvimento brasileiro, Rangel discordou. Era pessoalmente favorável à reforma agrária, mas observava que esta, que fora essencial nos países desenvolvidos para criar o mercado interno, não o era no Brasil em 1950, quando a indústria contava com o mercado cativo originado na substituição de importações. Hoje, quando a substituição de importações há muito se esgotou, e a criação de um mercado de massas não é apenas uma questão de humanidade, mas uma condição para a retomada sustentada do desenvolvimento, uma vez alcançada a estabilização, talvez Rangel revisasse sua análise e desse à reforma agrária a importância estratégica que há trinta anos ela não tinha.

Ignácio Rangel parte em um momento de grandes incertezas para o Brasil, depois de uma crise que já dura catorze anos. Era, entretanto, um otimista acima de tudo, que acreditava nas potencialidades do Brasil. A inflação, enquanto sintoma de crise e por seu caráter síclico, terá de ser superada, na medida em que os recursos existentes nos setores com capacidade ociosa sejam transferidos para os novos setores dinâmicos. Então um novo padrão de financiamento do desenvolvimento afinal se delineará. Rangel não teve tempo de presenciá-lo, mas seus discípulos e amigos, que são muitos, não esquecerão seus ensinamentos e sua inspiração.